

# Avaliação da Autoeducação: Construção e Validação de Instrumento para o Professor Montessoriano

▸ Maria de Fátima Morgado Cortez Batista\*

▸ Ligia Gomes Elliot\*\*

---

## Resumo

Este estudo apresenta a construção e validação de um instrumento de avaliação quali-quantitativo capaz de aferir, concretamente, se os comportamentos dos escolares estão consistentes com os princípios filosóficos indicados pelo Sistema Montessori de Educação. O instrumento foi elaborado a partir das dificuldades dos professores em deixar claro como trabalham para desenvolver em suas classes a autonomia da aprendizagem, destacando-se nesse contexto: confiança e competência; independência; autonomia; motivação intrínseca; capacidade para lidar com a autoridade externa; responsabilidade com o grupo; preparação acadêmica; cidadãos do mundo. Esses itens nortearam a definição das categorias do instrumento. A primeira versão foi aplicada em duas classes do Ensino Fundamental no agrupamento de 6 e 7 anos e no de 8 e 9 anos. Os resultados da aplicação e as sugestões dos professores levaram à construção da versão final do instrumento. Recomenda-se que a utilização do questionário “Progresso da classe em Processo de Autoeducação” seja registrada por agrupamento e, depois, em relatório para toda a instituição montessoriana, de modo a retratar as conquistas e/ou dificuldades dos aprendizes.

**Palavras chave:** Instrumento para observação estruturada. Elaboração de instrumento de avaliação. Sistema Montessori. Desenvolvimento dos estudantes.

---

\* Mestre em Avaliação, Fundação Cesgranrio; Diretora Pedagógica do Colégio Ágora. E-mail: fatima210455@gmail.com.

\*\* Ph D em Educação/Avaliação, UCLA; Coordenadora e docente do Curso de Mestrado Profissional em Avaliação, Fundação Cesgranrio. E-mail: ligia@cesgranrio.org.br.

## 1 A escolha do tema

O nome Montessori representa um tipo específico de Educação, pensado, elaborado e defendido pela médica e educadora italiana Maria Montessori. Entretanto, não é possível proteger seu nome e seu sistema por meios de direitos autorais ou patentes, e surpreendentemente, é possível a criação de uma escola e ser intitulada montessoriana mesmo que não possua professores especializados ou poucas peças do aparato do Material de Desenvolvimento elaborado por Montessori a partir de 1909 (RAMBUSCH; STOOPS, 1992).

Fundar uma escola montessoriana é muito mais que um tributo ao seu nome; implica também uma defesa dos princípios educacionais a que ela e seus continuadores se dedicaram (RAMBUSCH; STOOPS, 1992). Em uma verdadeira Escola Montessori vê-se com regularidade crianças e jovens que são incentivados a fazer coisas não apenas por seus próprios esforços, mas também a pensar de forma independente. Encontram-se estudantes que aprenderam a forma de explorar e resolver os problemas autonomamente. E, ainda, o mais importante: crianças, mesmo pequenas, ajudando-se mutuamente e que, sem que sejam solicitadas, realizam atos de pura bondade para beneficiar o grupo como um todo.

Mas, como é que isto tudo acontece? Como, exatamente, é possível identificar uma verdadeira prática Montessori? Como observar o desenvolvimento individual de cada estudante? Como tornar os objetivos mais claros? Como assegurar aos pais que a abordagem Montessori é educacionalmente significativa?

Tradicionalmente, professores brasileiros, montessorianos ou não, recebem pouco ou nenhum treinamento em relação aos objetivos e técnicas de observação. Nos momentos em que ficam diante de uma decisão sobre a promoção, ou não, de um estudante para um novo ciclo de estudos interrogam-se sobre o que têm ou não feito com a criança em seus respectivos contextos. Como resultado, frequentemente assumem posturas protetoras de suas experiências e visões da criança. Se ainda há discordância com os pais, tudo tende a terminar em um impasse com os dois lados argumentando em favor de sua própria ideia e sentindo-se não ouvido pelo outro lado. Infelizmente, a criança fica em meio aos confrontos de ideias.

Nos cursos de capacitação de professores Montessori é possível constatar a dificuldade de um professor em deixar claro como trabalha para desenvolver, em sua classe, a autonomia da aprendizagem. Sem estar seguro, geralmente o professor apresenta dúvidas sobre como descrever o desenvolvimento de seus estudantes diante da aprendizagem e, comumente, se apóia nas tradicionais práticas avaliativas em busca de argumentos.

### 1.1 Objetivo

A partir das dúvidas e dos caminhos incertos trilhados por um significativo número de professores, tem-se como principal objetivo deste estudo a construção de um instrumento que aponte critérios para o trabalho com a Autoeducação nas escolas montessorianas.

A segurança do trabalho realizado pelas escolas de Educação Infantil associadas à Organização Montessori do Brasil (OMB) não se deve apenas por sua maior quantidade e experiência, mas também porque envolve uma etapa de desenvolvimento onde as crianças se relacionam espontaneamente como numa “sociedade por coesão” (MONTESSORI, 1985, p. 193) formando pequenas comunidades de ação, estabelecidas por uma necessidade espontânea da criança, dirigida por um impulso interno, construída a partir dos estímulos criados pela natureza, e independente da influência do adulto.

Nas discussões em torno do desenvolvimento da Filosofia Montessori, a OMB identifica como objeto de maior cuidado e atenção os agrupamentos do Ensino Fundamental, já que logo após os seis anos a “sociedade coesiva” dá lugar a uma associação organizada conscientemente, onde as crianças “procuram então conhecer os princípios e as leis estabelecidas pelo Homem; procuram um chefe que dirija a comunidade” (MONTESSORI, 1985, p. 195), e, por um instinto gregário, começam a se espelhar em seus pares mais velhos e nos adultos. Este é um delicado momento da construção da personalidade e da sociedade, em que a moral e a ética se edificam, motivo pelo qual se tem, com destacada importância, a elaboração de um instrumento, destinado especificamente à Etapa de Desenvolvimento dos 6 a 12 anos, capaz de medir

quali-quantitativamente o desenvolvimento de um dos pilares filosóficos montessorianos, a Autoeducação.

## 2 Um pouco da Filosofia Montessori

Nas palavras de Mitsuko (apud MARIA..., 2005, p. 28), Montessori desenvolveu um sistema educacional fundamentado filosoficamente numa concepção humanista, para o qual é proposta uma prática pedagógica de base científica. Pode-se dizer que ela respondeu às demandas de seu tempo com o que havia de mais contemporâneo ou, indo além, apontando para soluções que só o futuro seria capaz de compreender completamente.

Considerando que a criança se apropria dos conhecimentos a partir da interação com o Ambiente e por processos internos, Maria Montessori estruturou as vias para a aprendizagem acadêmica de forma a atender ao que seus estudiosos denominam Filosofia Montessori.

Montessori entendia por Autoeducação que a formação da estrutura do ser humano seria intrínseca, realizando-se sob a influência do Ambiente e dos três períodos de desenvolvimento, que podem ser assim resumidos:

- do nascimento aos 6 anos - a criança constrói seu saber através da exploração e da absorção do Ambiente que a circunda - sua inteligência labora em função do “externo” e das relações existentes entre os objetos e suas características. É um período essencialmente sensorial.
- dos 6 aos 12 anos - a criança é capaz de relacionar os fatos à luz da razão, preocupando-se com os “comos” e com os “por quês” das coisas. É a entrada no mundo da abstração.
- dos 12 aos 18 anos - o mundo passa a interessá-la sob um ponto de vista diferente: procura aquilo que deve fazer como ser social, ou seja, desperta para a dimensão das causas x efeitos, na vivência consigo mesmo e com o mundo circundante (ORGANIZAÇÃO MONTESSORI DO BRASIL, 2010, não paginado).

Aprofundando o tema, a autora aponta os comportamentos esperados do educador e os elementos que precisam estar presentes na classe para que se possa desenvolver o princípio da Autoeducação. Segundo o Guia da Autêntica Escola Montessori Americana (RAMBUSCH; STOOPS, 1992), estes elementos implicam em:

- ambiente de classe possibilitando a livre escolha de aprendizagens;
- autonomia dos estudantes em relação à construção do conhecimento – que se traduz por saber o que quer saber, como fazer para buscar informações, como desenvolver um dado conhecimento, como manter uma postura crítica comparando diferentes visões e reservando para si o direito de conclusão;
- movimentação consciente do espaço e postura de trabalho do estudante;
- respeito à forma de aprendizado e ao ritmo do estudante;
- liberdade – que se liga à escolha consciente em relação a si mesmo, ao outro e à sociedade;
- propostas de aprendizagem que favoreçam o pensamento autônomo;
- oportunidade para assumir responsabilidades sobre processos e produtos da aprendizagem;
- ambiente e processos pedagógicos de aprendizagem que atendam à motivação intrínseca, gerando o desenvolvimento da atenção e concentração;
- necessidade de ordem externa para a construção da harmonia, independência, segurança de procedimentos e conquista da ordem interna;
- possibilidade da repetição para aperfeiçoamento das habilidades e conquista do sucesso e da autoimagem positiva;
- processos que possibilitam o autoconhecimento e o auto-equilíbrio.

Em Educação como Ciência, Montessori (1965) defendeu uma nova diretiva da pedagogia chamada científica: “para educar é necessário conhecer a criança a ser educada”, ou seja, submeter sua prática às necessidades e características próprias de cada uma das etapas de desenvolvimento do ser humano, identificando-as como via única para a obtenção de um real suporte ao processo cognitivo.

Com os elementos da Autoeducação presentes, tem-se o caminho preparado para o trabalho com o princípio da Educação como Ciência, que são:

- conhecimento formal das teorias do desenvolvimento cognitivo, sócioafetivo e fisiológico das crianças nas faixas etárias trabalhadas;
- professor observador, com postura investigativa;
- conhecedor da metodologia científica para a construção do próprio conhecimento e dos alunos;

- conhecimento formal do postulado de Maria Montessori;
- professor com amplo domínio do conteúdo e da técnica adequada ao desenvolvimento dos assuntos a serem trabalhados;
- visão integral da escola (não somente de uma classe) como produtora contínua do conhecimento.

Em Educação Cósmica Montessori fez referências às leis da natureza e à estreita relação entre ambiente e sociedade – identificando-a como responsável pela harmonia da vida, tornando possível sua evolução e, crescendo-se ao Homem, as conquistas da humanidade (ORGANIZAÇÃO MONTESSORI DO BRASIL, 2010). Neste item destaca-se, sobretudo, que no universo existe uma ordem cósmica onde todos os elementos dela participam e se integram e que cada um tem um papel importante, por menor e mais insignificante que pareça ser. Essa colaboração precisa ser descoberta e analisada pela criança e pelo jovem, num trabalho alicerçado principalmente na pesquisa, na experiência, na vivência e na troca de conhecimentos. Diante disto, que comportamentos do educador e quais elementos em classe precisam estar presentes para que seja desenvolvido o princípio da Educação Cósmica? (MONTESSORI, 1949).

A resposta a esta pergunta envolve ações como implementar um currículo a favor da consciência de que tudo faz parte de um macroambiente; possibilitar a vivência de culturas, seja ela a do grupo social a que pertence, seja ela decorrente de sua inserção na cultura da humanidade; promover um currículo que destaque as conquistas e os desafios enfrentados pelo Homem ao povoar a Terra, não apenas o papel dos grandes líderes, mas principalmente dos Homens comuns que ao longo da civilização colaboraram para a construção do mundo que hoje vivemos (COE, 1985, p. 5).

Na Filosofia montessoriana,

entre o ensinante e o aprendente, abre-se um campo de diferenças onde se situa o prazer de aprender por intermédio do estabelecimento de uma relação vincular. Para que o sujeito aprenda, é necessário conectar-se com seus próprios conteúdos, mostrar seu conhecimento, autorizar-se a abrir ao outro e, assim, incorporar seus ensinamentos (FARO, [2011], não paginado).

### **3 Procedimentos metodológicos**

#### **3.1 Considerações iniciais**

As atividades de aprendizagem no Ambiente Montessori envolvem questionamentos, descobertas, múltiplas perspectivas e diferentes pontos de vista proporcionando contínuo feedback em relação ao progresso de cada aprendente. Neste Ambiente, o professor Montessori reconhece que seu papel não é ensinar - na concepção tradicional da palavra, mas inspirar, ser mentor e facilitador do processo de aprendizagem, já que o trabalho real de aprender pertence à criança, imersa em seu processo individual.

Os aprendizes formados pelo Sistema Montessori de Educação devem adquirir durante sua escolaridade uma série de características que orientarão sua vida como cidadão. Assim, a Educação montessoriana busca desenvolver estudantes que se vejam seres morais, aprendizes confiantes e competentes, independentes, autônomos, intrinsecamente motivados, academicamente preparados, socialmente responsáveis, livres dentro dos limites do grupo, sujeitos que saibam lidar com a autoridade externa, que se assumam cidadãos do mundo e administradores do planeta.

Essas são questões éticas e morais trouxeram um grande desafio: o de se construir um instrumento de avaliação que captasse a evolução das desejáveis características nos estudantes. Mas, como mensurar um valor? Como verdadeiramente alterar o “eu acho” para o “eu penso”, nas descrições do professor em relação aos seus aprendizes?

#### **3.2 Escolha e elaboração do instrumento**

A escolha de um questionário com questões de respostas fechadas atende à necessidade de se colher quantitativamente informações sobre critérios filosóficos, que por sua natureza, são essencialmente qualitativos. A finalidade do questionário é a de aferir comportamentos e atitudes específicas dos estudantes, de acordo com os seguintes elementos:

Como analisar as conquistas dos alunos em confiança e competência?

O quanto os alunos são independentes?

O quanto são autônomos?

- O quanto são motivados intrinsecamente?
- O quanto são capazes de lidar com a autoridade externa?
- O quanto são responsáveis com o grupo?
- Como analisar o nível de preparação acadêmica dos alunos?
- Como analisar o posicionamento dos alunos como cidadãos do mundo?

Os elementos de descrição usados para construir o instrumento para análise do desenvolvimento da Filosofia Montessori foram traduzidos do documento *The authentic American Montessori school: a guide to the self-study, evaluation, and accreditation of American schools committed to Montessori education* (A autêntica Escola Montessori Americana: um guia para autoestudo, avaliação e acreditação de escolas Americanas comprometidas com a Educação Montessori), de Rambusch e Stoops (1992). Nesse documento se destacam os elementos: confiança e competência; independência; autonomia; motivação intrínseca; capacidade para lidar com a autoridade externa; responsabilidade com o grupo; preparação acadêmica; posicionamento como cidadãos do mundo. Para cada um foram elaborados indicadores, cuja função é a de encaminhar a observação estruturada da turma, a ser feita pelo professor.

#### **4 Versão final do instrumento**

O ambiente escolhido para aplicação da primeira versão do questionário foi o Colégio *Ágora*, uma escola montessoriana localizada em Niterói, RJ, Brasil. Inicialmente, o instrumento foi aplicado aos professores de duas classes de crianças com idades de 6 e 7 anos, denominada Grupo 1 e de 8 e 9 anos, compondo o Grupo 2. No Grupo 1 havia 29 alunos e no Grupo 2, 38 alunos.

Quando da divulgação dos resultados da aplicação piloto aos professores das classes analisadas, que demonstraram preocupantes desvios em alguns dos indicadores, a equipe docente considerou a possibilidade de não ter alcançado o pleno sentido de algumas perguntas e sugeriu as seguintes modificações ao instrumento: acréscimo de pequeno texto introdutório ressaltando critérios norteadores do Sistema Montessori e revisão redacional de algumas perguntas, tornando-as mais claras. Tais sugestões foram incorporadas à elaboração da versão final do instrumento.

A tabela de distribuição de frequências e a análise dos gráficos também tiveram sua ação ampliada e passaram a gerar dois tipos de tratamento:

- o primeiro, contendo a descrição dos resultados dos critérios em cada agrupamento;
- o segundo, envolvendo os resultados no conjunto dos dois agrupamentos analisados, visando obter uma mostra da evolução das conquistas filosóficas em todo o primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Os relatórios discursivos das conclusões, por consequência, resultaram em dois documentos: uma para o professor, contendo a análise descritiva de seu Agrupamento e outro para o diretor, por critério, fornecendo uma visão geral do trabalho desenvolvido pela escola.

#### **4.1 O questionário**

Um professor montessoriano sabe que se a Filosofia Montessoriana não tomar o seu lugar no processo pedagógico, a metodologia tem o seu curso comprometido. Não há que se esperar um final de ano letivo para só então avaliar o que é preciso mudar. Em um Ambiente Montessori autêntico, as classes são organizadas por até três idades diferentes, por exemplo, de 0 a 3 anos; de 3 a 6 anos; de 6 a 9 anos; de 9 a 12 anos; de 12 a 15 anos. Tem-se, portanto, assegurado que um estudante caminha em suas conquistas cognitivas a partir de um currículo construído por competências, que expressa as habilidades correspondentes conquistadas ao longo de três anos. Se há este conforto no tempo de trabalho e respeito ao ritmo de cada estudante, há igualmente a necessidade de se gerenciar seu desenvolvimento e evolução.

O questionário “Progressos da Classe em Processo de Autoeducação” traz consigo a possibilidade de o professor realizar uma observação estruturada junto ao seu grupo de alunos. Este instrumento deve ser utilizado em dois momentos anuais – sempre no início de cada semestre letivo. No primeiro semestre terá a força de diagnóstico do grupo e, no segundo, será capaz de retratar a evolução de seu trabalho como um professor Montessori.

No Brasil, as classes montessorianas, geralmente, possuem de 15 a 25 estudantes. Por isso, sugere-se que a observação seja realizada ao longo de duas semanas e com os estudantes divididos em três grupos. Por exemplo: ao longo das múltiplas atividades

realizadas como períodos de trabalhos independentes; no correr das lições em grupo; durante as brincadeiras na área externa; no momento das refeições. O professor deve assinalar a quantidade numérica de alunos que apresentam comportamentos e atitudes que atendem a cada indicador dos critérios: confiança e competência; independência; autonomia; motivação intrínseca; capacidade para lidar com a autoridade externa; responsabilidade com o grupo; preparação acadêmica; posicionamento como cidadãos do mundo.

A forma final do instrumento é a que se apresenta a seguir

### PROGRESSOS DA CLASSE EM PROCESSO DE AUTOEDUCAÇÃO

Caros Professores,

Educadores montessorianos sabem os resultados que querem atingir e o que é preciso para atingi-los. Mas muitas vezes são criticados pela incapacidade de dizer de modo definitivo como estão atingindo estes resultados. Com este instrumento, que contém perguntas que apontam para os marcos de desenvolvimento em Autoeducação, que servem como indicadores de progresso, apresenta-se um caminho para a observação disciplinada e intuição treinada. A análise dos resultados fornecerá subsídios que facilitarão o entendimento acerca dos progressos dos alunos em cada Agrupamento.

Professor \_\_\_\_\_

Agrupamento \_\_\_\_\_

Nº total de estudantes \_\_\_\_\_

#### 1. Confiança e Competência

A confiança é construída sobre o sucesso. Há muitas oportunidades para sucesso em um Ambiente montessoriano. O respeito pelas realizações em busca da aprendizagem evita julgamentos prematuros, por parte dos professores, em relação à qualidade dos esforços das crianças e dos jovens. Pode-se estimar que um estudante crescendo em sucesso cresça também em confiança. Assim,

1.1 quantos estudantes, ao adquirir uma habilidade específica, empregam-na de modo socialmente produtivo, colocando-a a serviço do grupo? \_\_\_\_\_

1.2 considerando globalmente as áreas de conhecimento e a aquisição de competências previstas para esta Etapa de Desenvolvimento, quantos de seus estudantes têm conquistas mais numerosas que insucessos? \_\_\_\_\_

1.3 quantos são capazes de corrigir seu trabalho apoiando-se em observação, reflexão ou discussão com outro colega? \_\_\_\_\_

1.4 orientados pelo menu individual de trabalho estabelecido com o professor, quantos são capazes de lidar objetivamente, de forma autônoma, com o conteúdo disponível nas estantes? \_\_\_\_\_

## 2. Independência

A organização social e física de uma classe montessoriana, bem como o comportamento mediador do professor, promove a independência individual dos estudantes por todo o ciclo de atividades. Neste ciclo chamado por Montessori de “ciclo de atividades completo”, a criança e/ou jovem opta por um Material de Desenvolvimento ou por uma atividade que deseja, ocupa-se desta atividade até considerá-la terminada, quando então retorna com o material ao seu lugar de origem para que outro aluno possa usá-lo. Assim,

2.1 quantos estudantes são capazes de escolher seu trabalho? \_\_\_\_\_

2.2 quantos devolvem o Material ao local de origem de modo que outro colega possa encontrá-lo em condições de uso? \_\_\_\_\_

2.3 quantos procuram ajuda quando necessitam? \_\_\_\_\_

2.4 quantos são capazes de localizar recursos para prosseguir seu trabalho sem envolver necessariamente o professor? \_\_\_\_\_

2.5 quantos utilizam o Material até o momento em que consideram que o trabalho está terminado, levando a termo o que Montessori chamou de “ciclo de atividade completo”? \_\_\_\_\_

### 3. Autonomia

Um Ambiente Montessori é palco de muitas interações entre estudantes. Se um aluno deseja trabalhar com outro, tem a liberdade de fazê-lo. Entretanto, precisa comunicar e negociar, porque há casos em que uma criança e/ou jovem pode querer realizar seu trabalho sozinho. Esta é uma cena comum em sala de aula: trabalhos conjuntos, trabalhos individualizados, negociação, respeito ao trabalho do colega e suportar esperar a sua vez para trabalhar com um Material desejado. A articulação de todos estes pontos contribui para a formação da autonomia do estudante. Assim,

3.1 quantos estudantes são capazes de aceitar a inclusão de outra criança e/ou jovem para partilhar do seu trabalho? \_\_\_\_\_

3.2 quantos conseguem negociar sua liberdade de trabalharem sozinhos, se assim o desejam, protegendo-se da presença de outro(s) colega(s)? \_\_\_\_\_

3.3 quantos conseguem esperar sua vez, fazendo outra escolha, aguardando até que o Material que deseja trabalhar esteja disponível para seu uso? \_\_\_\_\_

3.4 quantos controlam seus impulsos, inclinações e paixões, buscando sua razão e vontade antes de agir? \_\_\_\_\_

3.5 quantos respeitam a posição de outros? \_\_\_\_\_

3.6 quantos possuem a capacidade de refletir e agir, seguindo os entendimentos e valores estabelecidos em grupo? \_\_\_\_\_

### 4. Motivação Intrínseca

O professor montessoriano compartilha o desprezo de Montessori por prêmios e castigos. Numa classe montessoriana, o trabalho é claramente a própria recompensa. Não deve haver estrelas douradas e outros sinais de premiação no trabalho das crianças e/ou jovens. Estudantes que realizam a atividade pelo prazer que vivenciam ao realizá-la estão desenvolvendo sua motivação intrínseca. Em ocasiões desse tipo, o aluno não carece da aprovação constante do professor ou de seus colegas. Durante esses momentos, o professor simplesmente analisa como e por que o aluno está trabalhando. Assim,

4.1 quantos estudantes são aparentemente atraídos ao trabalho por puro prazer? \_\_\_\_\_

4.2 quantos têm prazer na aquisição de uma competência específica, compartilhando com generosidade sua perícia com os outros? \_\_\_\_\_

4.3 quantos não necessitam buscar a aprovação ou “recompensas” do professor ou colegas? \_\_\_\_\_

4.4 quantos demonstram desejo pelo conhecimento? \_\_\_\_\_

## 5. Capacidade para lidar com a autoridade externa

Estudantes em classes montessorianas são livres dentro dos limites do grupo cuidadosamente estabelecidos. Esses limites são articulados ao longo da experiência escolar de duas maneiras: com o professor que é a personificação dos limites, e com a organização física da sala de aula, onde os limites são exteriorizados. Várias partes do Ambiente são designadas para atividades específicas e para números específicos de estudantes trabalharem nelas ao mesmo tempo. Uma vez comunicadas essas orientações aos estudantes, o Ambiente recebe sistema de sinais que funcionam como lembretes para eles. Quando as crianças e/ou jovens parecem estar ignorando as orientações, o professor as reúne para repassá-las. Um estudante incapaz de entender ou aceitar regras não está desenvolvendo liberdade dentro de limites, ao contrário daquele que muda seu comportamento voluntariamente na proximidade dos limites acordados. Assim,

5.1 quantos estudantes aceitam as “regras básicas”, elaboradas em grupo, como apropriadas em suas relações com seus pares? \_\_\_\_\_

5.2 quantos são capazes de agir distante do professor como se estivessem próximos dele? \_\_\_\_\_

5.3 quantos conseguem refletir suas próprias ações? \_\_\_\_\_

5.4 quantos recusam a violência contra si e contra os outros? \_\_\_\_\_

5.5 quantos são capazes de interromper seus movimentos atendendo ao sinal acordado para o silêncio? \_\_\_\_\_

## 6 Responsabilidade com o grupo

A responsabilidade com o grupo possui interfaces com muitos dos elementos já descritos. Montessori acreditava que, ao adquirir uma habilidade específica, a criança e/ou jovem é impelido a empregá-la de modo socialmente produtivo. Assim, o estudante que se alegra com uma mestria recém-adquirida está ao mesmo tempo celebrando sua própria competência e anunciando ao mundo que aquela competência específica pode agora ser colocada a serviço do grupo.

Outro destaque pode se dar ao ciclo de atividade completo – em que cada criança e/ou jovem utiliza o Material até que considere o trabalho terminado, devolvendo-o ao local de origem, no estado original, quando então a possibilidade de posse do Material se reverte novamente para o grupo inteiro. Em um ambiente assim, o trabalho gera e reflete comportamentos de independência e de Responsabilidade Social.

O Ambiente montessoriano é visto como uma pequena comunidade onde a criança e/ou jovem encontra um lugar, tanto como indivíduo quanto como membro de um grupo. O ambiente social promove responsabilidade com o grupo. Os limites claros do Ambiente Montessori, aliados ao papel do professor, fornecem ao estudante experiência em lidar com a autoridade externa de maneira apropriada. A cuidadosa observação do trabalho e vivência conjuntos de aprendizes nesse Ambiente revelará o nível de desenvolvimento da Responsabilidade com o Grupo. Assim,

6.1 quantos estudantes demonstram consciência de pertencerem a uma pequena comunidade? \_\_\_\_\_

6.2 quantos conseguem dominar suas emoções em momentos de opiniões opostas? \_\_\_\_\_

6.3 quantos, na maioria das vezes, possuem comportamentos amigáveis com o grupo? \_\_\_\_\_

6.4 quantos reconhecem as próprias qualidades? \_\_\_\_\_

6.5 quantos reconhecem suas dificuldades e onde procurar apoio? \_\_\_\_\_

6.6 quantos reconhecem os sentimentos e as perspectivas de terceiros? \_\_\_\_\_

6.6 quantos se empenham nas habilidades comunicativas e sociais para facilitar a interação com os demais? \_\_\_\_\_

6.7 quantos possuem aptidões múltiplas e construtivas na prevenção, gerenciamento e resolução de conflitos? \_\_\_\_\_

6.8 quantos avaliam aspectos éticos, coletivos e de segurança ao tomar decisões? \_\_\_\_\_

## 7. Preparação acadêmica

Montessori chamou seu aparato, composto de Materiais de Desenvolvimento e Materiais de Aquisição da Cultura, de “abstrações materializadas”. Ao manuseá-los, os estudantes adquirem primeiro a compreensão perceptiva e depois compreensão cognitiva.

Embora o professor oriente o trabalho, Montessori vê as crianças e/ou jovens explorando os Materiais com base na sua compreensão de que as coisas possuem uma infinidade de qualidades e que as sucessivas interações com eles constantemente revelam aos estudantes novas relações. É desta forma que na Educação Montessori crianças e jovens aprendem a aprender por experiência, quando se dispõem a conhecer e compreender a realidade observando como ela responde às suas ações. A preparação acadêmica envolve a ativação de capacidades e processos que tornam o aprendiz um fornecedor de significados e significantes para seu grupo. Assim,

7.1 quantos estudantes têm ativada a capacidade de traduzir o que sabe, mostrando seus conhecimentos com clareza? \_\_\_\_\_

7.2 quantos participam ativamente das lições, individualizadas ou colaborativas, fazendo perguntas e dando respostas coerentes? \_\_\_\_\_

7.3 quantos mobilizam saberes, fazeres e atitudes para desempenhar uma tarefa atendendo à natureza da atividade? \_\_\_\_\_

7.4 quantos conseguem fazer escolhas (o quê, como e onde realizar), diante de um menu de trabalho estabelecido com o professor? \_\_\_\_\_

7.5 quantos preferem participar de projetos organizados em torno de um problema e que levem a descobertas de novos conhecimentos contrapondo-se ao “decorar”? \_\_\_\_\_

## 8. Posicionamento como cidadãos do mundo

Os Homens fazem parte do sistema político e do sistema ecológico mundial - ambos com suas constituições. Todos devem aprender a viver segundo as suas leis. Como naturalista, Montessori conhecia as Leis do Homem e da Natureza e entendia as consequências de desobedecê-las. Por isso, idealizou sua pedagogia desejando o Homem global, universal. Para chegar à sua prática em sala de aula defendia que seria indispensável conhecer o ser humano, como começou, como chegou a ser o que é, e seu papel na história e no universo.

Se dermos à criança a ideia do Universo de forma correta, isso lhe fará mais bem que apenas despertar o interesse, porque produzirá no seu interior admiração e surpresa, sentimentos mais elevados que qualquer interesse, e mais satisfatórios. Por isso todos os anos os colégios montessorianos apresentam as Grandes Lições, que são lições impressionistas que falam da criação do universo, que têm como objetivo causar essa surpresa e admiração. Montessori sugere em sua perspectiva filosófica que o aluno descobrirá que a tarefa cósmica da humanidade é continuar coletivamente o trabalho da criação sobre a face da Terra, e, com sua infinita inteligência, deduzirá as infinitas possibilidades latentes para manifestá-las de outra forma.

Se ensinarmos ao jovem a considerar a Terra como um todo, a compreender que toda nação se vê diretamente afetada pelo que fazem outras nações, a observar que o crescimento da população não é um problema que afeta a uns poucos, senão a todos, a ver que devemos trabalhar juntos para resolver o dilema ambiental do mundo, a concluir que devemos aprender a viver juntos e a diminuir os conflitos antes que destruamos o planeta, a reconhecer a responsabilidade humanitária que temos cada um de nós com nosso próximo, então, e somente nesse momento, podemos começar a criar uma nova geração de pessoas que deixem de lado seu passado etnocêntrico, e se convertam em administradores da Terra e protetores do futuro (BARBOSA, 2007, não paginado).

Assim,

- 8.1 quantos estudantes apresentam resultados positivos da experiência escolar em termos de cidadania? \_\_\_\_\_
- 8.2 quantos contribuem para o bem comum de colegas e demais integrantes da comunidade escolar? \_\_\_\_\_
- 8.3 quantos compreendem as relações no mundo natural e buscam viver nele harmoniosamente? \_\_\_\_\_

#### 4.2 Procedimentos para análise de resultados

Após realizar as observações do grupo de alunos e preencher o questionário com o número de estudantes que atendem ao que é explicitado em cada indicador, deve-se montar uma tabela de distribuição de frequências e de frequências relativas para cada critério e seus respectivos indicadores, como é demonstrado no exemplo a seguir, para o Critério 1 e seus indicadores.

A frequência relativa varia de zero a 1,00 e é calculada por indicador. Para efeito de análise, destaca-se que os resultados abaixo de 0,50 correspondem a índices que apontam para a necessidade de redirecionamento de ações dos docentes, de modo que, em outra oportunidade de observação, surjam respostas positivas.

Tabela 1 – Atendimento aos indicadores do critério 1 – Confiança e Competência

Grupo 1 6 e 7 anos	f	fr relativa	Grupo 2 8 e 9 anos	f	fr relativa
1.1	11	0,38	1.1	28	0,74
1.2	27	0,93	1.2	17	0,45
1.3	15	0,52	1.3	13	0,34
1.4	21	0,72	1.4	33	0,87
Total: 29 alunos			Total: 38 alunos		

Fonte: Cortez (2011).

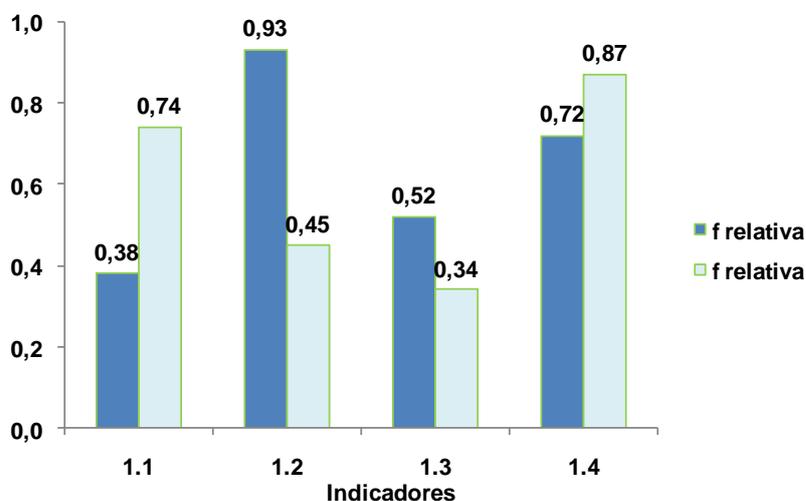
Legenda:

f = número de respostas positivas observadas em cada indicador.

fr relativa = frequência observada ÷ total de alunos da classe.

Com o objetivo de se obter uma avaliação completa, sugere-se a utilização de gráficos para expor os índices de cada critério, como pode ser verificado no exemplo.

Gráfico 1 - Frequências obtidas nos indicadores do critério 1 - Confiança e Competência



Fonte: Cortez (2011).

A análise final deve envolver os resultados de todos os critérios, onde seja pertinente se destacar as relações de contiguidade, como se expõe a seguir:

“Os resultados apontam para a necessidade de o docente do Grupo 2 realizar um trabalho que desenvolva oportunidades para aquisição da confiança e da confirmação do sucesso (indicador 1.2 – 0,45) e para estimular a capacidade de os estudantes corrigirem seus próprios trabalhos baseados em observação, reflexão e discussão com seus pares (indicador 1.3 – 0,34).

Como esperado, os índices referentes ao emprego de uma habilidade específica adquirida, colocando-a a serviço do grupo (indicador 1.1 – 0,74) e a capacidade de lidar objetivamente com todo conteúdo disponível nas estantes (indicador 1.4 – 0,87) são mais altos entre os estudantes de 8 e 9 anos.

Ponto que merece atenção dos docentes em relação ao Grupo 1, refere-se ao indicador 1.1 (0,38). Nesta Etapa de Desenvolvimento, em que os estudantes já passaram da fase egocêntrica, a baixa frequência indica que as atividades propostas em classe ainda estão muito individualizadas, não atendendo à forma de aprendizagem da idade de 6 e 7 anos, que necessita trocar experiências e saberes com seus pares.”

## 5 Recomendações

A aprendizagem, a partir do ponto de vista montessoriano, precisa estar embasada numa teoria que vê o conhecimento como produto de uma ação do sujeito-aprendente, e não como produto da transmissão entre ensinante-aprendente; que não encare o aluno como um discípulo passivo, mero receptor da sabedoria do mestre; necessita de um ambiente que proporcione a ação construtiva, que favoreça a experimentação, propicie vivência, que desafie e estimule a busca do conhecimento; o professor precisa conhecer “as formas de aprender” do aluno para adequar-se ao seu nível de desenvolvimento e desafiá-lo a superá-lo; a Autoeducação, condição essencial do Sistema Montessori, só acontece num ambiente democrático onde pensar não é proibido, e aprender seja um prazer (LIMA, 2007).

A elaboração de um instrumento capaz de oferecer insumos para análise do professor, para o princípio da Autoeducação, traz em si a possibilidade de intervir na ação docente, a partir da explicitação dos valores e caminhos possíveis de serem percorridos pela criança engajada em uma prática pedagógica montessoriana.

O questionário apresentado nos marcos de desenvolvimento da Autoeducação, tem por objetivo auxiliar o professor a perceber, identificar e estabelecer futuras ações na consolidação do seu trabalho, nesse que é um dos mais importantes pilares do Sistema Montessori.

Deste modo, ao contemplar os indicadores de progresso da classe, o instrumento em sua versão final espera abrir à possibilidade de reflexão crítica das inúmeras situações que se apresentam rotineiramente no processo de formação de crianças e jovens; possibilitar escolhas de procedimentos pedagógicos em favor da Autoeducação; realinhar as vias percorridas por estudantes e professores para o trabalho universal que transponha os limites físicos da escola.

Recomenda-se que a utilização do questionário “Progressos da classe em processo de Autoeducação” seja registrada por agrupamento e, depois, em relatório para toda a instituição montessoriana, de modo a retratar as conquistas e/ou indicações de possíveis redirecionamentos.

As sugestões provenientes da aplicação do questionário podem ser relatadas via e-mail à autora, visando a um maior aperfeiçoamento do instrumento.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Edite. Responsabilidade ambiental. *Revista Anual da Organização Montessori do Brasil*, Rio de Janeiro, 2007.

BATISTA, Maria de Fátima Morgado Cortez. *Instrumento de avaliação da autoeducação para o professor montessoriano: construção e validação*. 2011. Dissertação (Mestrado Profissional em Avaliação)–Programa de Pós-Graduação em Avaliação, Fundação Cesgranrio, Rio de Janeiro, 2011.

COE, Elisabeth. *Montessori Middle Schools for the Twenty-First Century* [Um mundo Montessori: manual para Escola de Adolescentes]. Chapel Hill, N.C.: Center of Early Adolescence at the University of North Carolina, 1985. Disponível em: <[www.edvid.com/wp-content/uploads/middle\\_school.pdf](http://www.edvid.com/wp-content/uploads/middle_school.pdf)>. Acesso em: 21 abr. 2011.

FARO, Cecília. Uma reflexão sobre o aprender e o ensinar. *Educacional*, São Paulo, [2011]. Disponível em: <[http://www.educacional.com.br/articulas/outrasEducacao\\_artigo.asp?artigo=artigo0068](http://www.educacional.com.br/articulas/outrasEducacao_artigo.asp?artigo=artigo0068)>. Acesso em: 15 jun. 2011.

LIMA, Edimara de. Movimento Montessori Contemporâneo: conhecendo fundamentos, derrubando mitos. [S.l.]. *Direcional Escolas*, ano 3, n. 27, p. 10-11, abr. 2007. Disponível em: <[http://www.omb.org.br/pdf/montessori\\_revista\\_direcional\\_2007\\_04.pdf](http://www.omb.org.br/pdf/montessori_revista_direcional_2007_04.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2011.

MARIA Montessori: o indivíduo em liberdade. *Memória da Pedagogia: viver, mente e cérebro*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 5-98, 2005.

MONTESSORI, Maria. *Formazione dell'uomo, pregiudizi e nebulose, analfabetismo mondiale*. 2. ed. Milano: Garzanti Editore, 1949.

\_\_\_\_\_. *Mente absorvente*. 2. ed. Lisboa, PT: Portugal, 1985.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia científica*. São Paulo: Flamboyant, 1965.

ORGANIZAÇÃO MONTESSORI DO BRASIL. *Montessori: sistema*. [Rio de Janeiro, 2010]. Disponível em: <<http://www.omb.org.br/montessori.php>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

RAMBUSCH, Nancy M.; STOOPS, John A. *The authentic American Montessori School: a guide to the self-study, evaluation, and accreditation of American Schools Committed to Montessori Education*. Wilmington, Delaware: Commission on Elementary Schools of the Middle States Association of Colleges and Schools: American Montessori Society, 1992. Disponível em: <<http://www.amshq.org/scanda/THEAUTHENTIC.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2010.

Recebido em: 17/10/2013

Aceito para publicação em: 29/07/2014

## Self-education evaluation: Construction and Validation of Instrument for the Montessorian Teacher

### Abstract

This study presents the construction and validation of a qualitative-quantitative assessment instrument able to specifically assess if students' behaviors are consistent with those philosophical principles indicated by the Montessori System of Education. The instrument was developed based on the teachers' difficulties to make clear how they work in their classes to develop the autonomy of learning, especially in this context: confidence and competence, independence, autonomy, intrinsic motivation, ability to handle external authority, responsibility to the group, academic preparation, world citizenship. These items guided the definition of the instrument's categories. The first version was administered to two elementary school classes in groupings of 6 and 7 year olds and 8 and 9 year olds. The results of the instrument application and teachers suggestions led to the construction of the final version. It is recommended that the use of the questionnaire "Class progress in the self-education process" be registered by groupings of students and later in a report for the entire Montessori institution in order to portray the achievements and/or students' difficulties.

**Keywords:** Instrument for structured observation. Elaboration of evaluation instrument. Montessori system. School children development.

## Evaluación de la Autoeducación: Construcción y Validación del Instrumento para el Profesor Montessori

### Resumen

Este estudio presenta la construcción y validación de un instrumento de evaluación cualitativa y cuantitativa, en condiciones de aferir, en concreto, si el comportamiento de los estudiantes es coherente con los principios filosóficos del Sistema de Educación Montessori. El instrumento nació y se desarrolló a partir de las dificultades de los profesores en aclarar cómo trabajan para desarrollar en sus clases la autonomía del aprendizaje, señalando dentro de ese contexto: confianza y competencia;

independencia; autonomía; motivación intrínseca; capacidad de manejarse frente a la autoridad externa; responsabilidad con el grupo; preparación académica; postura de ser ciudadano del mundo. Estos ítems guían la definición de las categorías del instrumento. La primera versión se administró en dos clases de la escuela primaria en el grupo de 6 y 7 años y en el de 8 y 9 años. Los resultados de la aplicación y las sugerencias de los profesores diagramaron la construcción de la versión final. Se recomienda utilizar y registrar el cuestionario "El progreso de la clase en proceso de autoeducación" por grupo y después, a través de informes, se divulgue en toda la institución Montessori, para poder retratar los logros y/o las dificultades de los estudiantes.

**Palabras clave:** Instrumento de observación estructurada. Construcción del instrumento de evaluación. Sistema Montessori. Desarrollo de los estudiantes.